



TECENDO O LUTO: IMPLICAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE MORTE DURANTE A VELHICE

Kamila Gadelha Farias;

Universidade Federal de Campina Grande; kamila.gd@live.com

INTRODUÇÃO

A velhice não se constitui como um fator isolado da vida, contudo o fruto de um processo de investimento durante a vida. Portanto, a senilidade manifesta-se como uma construção, onde cada sujeito inventa sua forma de significar, dentre as diversas formas de enfrentamento possíveis. Assim como cada sujeito elabora suas perdas simbólicas, e conseqüentemente, seu trabalho de luto, durante a velhice.

O cerne deste trabalho consiste na discussão entre o envelhecimento e o luto, pois envelhecer significa confrontar-se com sua finitude de forma inevitável, portanto, o processo de luto se apresenta como inerente ao processo de envelhecer. Também atrelado ao processo de luto, existem questões de ordem cultural e social.

Desse modo, ao longo do presente trabalho, estão situadas concepções da psicanálise em contraponto aos conceitos apresentados pela antropologia. O luto é concebido aqui como uma forma de elaborar as perdas e a morte situadas no campo da velhice.

O luto na velhice é uma questão de lidar com a morte social e a elaboração da morte simbólica. O sujeito nunca perde sua forma de gozar, apesar da velhice, manifestar-se como ruptura para muitos sujeitos, devido ao confronto com novas questões. A importância de continuar os projetos ao longo da vida tem relação com o fato de não se deixar cair na inércia e na paralisia, as quais são sinônimo de morte.

Desse modo, a velhice é singularmente situada como “ante-sala da morte, lugar que se habita de diferentes modos, porém leva sempre à marca do iniludível” (1). Portanto, a velhice tem uma ligação profunda com a morte, pois é onde se sente a morte mais próxima, e torna-se difícil ignorá-la. Além da concepção de finitude tornar-se cada vez mais próxima, pois além de ser difícil pensar o próprio aniquilamento e a morte de si,

devido a morte sempre se situar no domínio do outro, ainda existe a questão de tecer o luto das pessoas próximas que vão falecendo.

METODOLOGIA

A metodologia apropriada no presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, com objetivos exploratórios, no sentido de se familiarizar e, sobretudo, explicitar o problema. A pesquisa bibliográfica oriunda de livros e artigos científicos foi o procedimento utilizado imprescindível para levantamento de dados. Ou seja, foi utilizada uma metodologia passível de interpretação e elaboração dos resultados apresentados (2).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

LUTO E ENVELHECIMENTO

Com um afastamento cada vez maior para refletir sobre a morte como forma de evitar a angústia, a velhice aparece como momento crucial para meditar sobre esse acontecimento, já que geralmente esse confronto é evitado a todo custo ao longo da vida. A força da morte aparece subitamente, já que neste ponto aparece como inevitável, o que para tal é necessária a elaboração de um luto, seja da morte de si ou do outro.

O luto é “uma reação à perda de uma pessoa querida ou de abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal, etc” (3), portanto, o mundo externo não tem mais a mesma vivacidade, devido a perda do investimento pulsional em um determinado objeto. O luto, de acordo com Freud (3), não seria um estado patológico, pelo contrário, seria até mais prejudicial perturbá-lo, pois é uma reação superada após um determinado período de tempo, apesar de acarretar desvios graves na forma de conduzir a vida.

Mucida (4) elucida o luto como um elemento constituinte da velhice e este também se apresenta como imperativo do envelhecimento. Uma série de transformações e de

perdas desse período de motivam essa angústia, como a morte de uma posição social para viver outra, a qual além de diferente, desvalorizada.

Entretanto, a parte mais difícil é elaborar o próprio luto, ou seja, aceitar que a própria vida é dotada de finitude, pois é um luto que age por antecipação, onde significa aceitar o domínio persistente da pulsão de morte e mesmo assim, continuar persistindo também. Em contrapartida, a morte é situada no âmbito do impessoal, o que gera uma certa tranquilidade, já que todo mundo morrerá (1).

Por conseguinte, uma saída, que se assemelha a elaboração do luto, é as reminiscências, as quais funcionam tal qual uma elaboração de luto elaborado na velhice, pois o passado é lembrado com algum orgulho e felicidade. Pois como o sujeito do envelhecimento não se projeta mais em um futuro, o que resta é o brilho do passado. Através das reminiscências, é possível preservar a identificação, ou seja, uma forma de se afirmar, articulando o passado com as possibilidades do presente, além de poder reconstruir a história libidinal (1).

Ademais, o medo da morte na velhice amedronta devido ao medo da perda do desejo, o que é assinalado pela pulsão de morte, onde há repetição e gozo. A saída para esse medo e para as inúmeras perdas constitui-se no trabalho de luto, onde é necessária a mínima presença do Outro, como também que a simbolização de suas perdas possa ser feita através de recursos simbólicos, ou seja, a elaboração do luto é fundamental para a possibilidade de substituir o objeto perdido (5).

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A VELHICE

É necessário pontuar que a clínica psicanalítica é realizada a partir do um a um, portanto trata do velho em particular e não da velhice como um todo. A dimensão da morte é importante, porque está cada dia mais renegada e isolada, relegada aos cuidados médicos e aos hospitais, onde nem o sujeito hospitalizado, nem a família tem autonomia o suficiente para cuidar disso ou significar esse acontecimento sozinho.

No entanto, a morte se constitui como impasse para a clínica da velhice, pois é extremamente tortuoso e espinhoso lidar com o real da morte e da velhice. Goldfarb (1) nos mostra como vários aspectos da clínica com idosos mobilizam a sua própria onipotência, além da negação do processo pessoal de envelhecimento. Onde a única ferramenta do profissional a qual se propõe a escutar um idoso é a negação como forma de evitar o confronto com seu próprio destino, pois se não morrer jovem, ficará velho, e envelhecer na nossa sociedade não é nada consolador.

Vários preconceitos relacionados à clínica com idosos foram propagados, inclusive pelo próprio Freud, tais quais: não tem como modificar o material psíquico os idosos, logo qualquer intervenção concebe-se enquanto inútil; o medo de que o paciente possa morrer durante o tratamento; a acumulação de material psíquico, o que causaria prolongamento desnecessário da psicoterapia. Um grande impasse para a pesquisa é a carência de bibliografia específica acerca da clínica da velhice (1). Assim é perceptível como vários preconceitos propagados socialmente ainda persistem em lugares de estudo sobre o sujeito, além do impasse do profissional o qual tem que lidar com a angústia de se confrontar com sua possível condição futura.

A ANTROPOLOGIA, A MORTE E O LUTO

O sujeito é indissociável de sua cultura, além de precisar das lentes da cultura para enxergar o mundo. Dessa forma, também pode se afirmar que as representações sobre morte, velhice e o luto são impregnadas pelas marcas dadas pela cultura a significar cada um desses conceitos. Em O Tabu da Morte, Rodrigues (6) propõe como as transformações culturais engendram formas diferentes de significar a morte. De uma inumação coletiva, comunitária e pública, completa de rituais diversos, foi se tornando cada vez mais particular, solitária e individual, onde a morte se torna cada vez mais asséptica ao ser relegada aos hospitais.

Um marco para a transformação do conceito de morte foi a separação do corpo e da alma, fruto da laicização causada no século XVIII, também conhecido como Século das Luzes. A apropriação da morte pela medicina e pela ideologia do higienismo mudou a concepção do corpo não mais tão sagrado quanto a alma (6). Como tudo o que é natural pode ser enfrentado pela ciência e pela medicina a ideia de morte natural suscitada à velhice, evoca o domínio em que a morte não é aceita; mas sim, parece algo abolível, esquecível.

Dessa forma, houve mudanças na constituição de significações da morte, sendo um processo cada vez distante e digno de aversão, porém, contrariamente, que suscita a proximidade e a curiosidade. Contudo, essa curiosidade nunca é relacionada à morte de si, mas sim à morte do outro, à morte acidental.

Rodrigues (6) também situa a mudança da visão de velhice culturalmente. Nas sociedades de tradição oral, o ancião é crucial, para transmissão de conhecimentos, técnicas de bem viver e também são os mediadores dos ancestrais. Já no imaginário ocidental situa-se a dimensão do saber e da experiência dos idosos não serem mais úteis, porque não podem colaborar com a construção do progresso na nossa sociedade, o que instaura um grande mal-estar, um desconforto, e, mais do que isso, uma exclusão.

Portanto, através da negação, a morte é relegada aos hospitais, a velhice, ao asilo, no sentido de evitar o confronto com esses dois pontos de angústia e de isolar o que causa sofrimento. Assim, a morte social é imposta antes mesmo da biológica, através da perda de projetos e da crença da incapacidade, portanto, é através dessa morte social que se sinaliza o processo de luto e de significar as perdas cada vez mais presentes.

Essa morte social é causada pela desvalorização da imagem da velhice em nossa sociedade, onde vivemos o imperativo do novo, em que nos posicionamos em um turbilhão de produtos, informações e notícias novas. Dessa forma, cada uma sobressai e sobrepõe a outra, ou seja, o tempo de reflexão é cada vez mais limitado, o que é de difícil acompanhamento (4).

CONCLUSÕES

O luto se situa como um elo entre a morte e o sujeito, sendo um processo inerente e inevitável, seja o luto de uma posição social, de pensar o próprio aniquilamento, seja de si ou do outro. No entanto, o complexo constitui-se em que tanto a velhice quanto a morte são encobertas e relegadas a lugares afastados da cultura e do confronto com essa condição.

Dessa forma, cabe a reflexão do lugar do idoso e da morte na nossa sociedade, além do esvaziamento simbólico dessas duas categorias, em detrimento do imperativo do novo e de “última geração”, dessa incessante substituição de novidades e de objetos. Além da incessante produtividade, sob o signo do produtivismo como inclusão ou exclusão do sujeito na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Goldfarb, D C. Corpo, Tempo e Envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
2. Gil, A C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
3. Freud, S. Kehl, M R, Peres. U T., Carone. M e C, Marilene. São Paulo: Cosac Naify, 2011, 144 p.
4. Mucida, A. Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
5. Mucida, A. O sujeito não envelhece - Psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
6. Rodrigues, J.C. Tabu da morte. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.